

«Shadows as memories»

Carlos Alexandre Rodrigues

Uma casa feita de pó

1.

Uma casa feita de espaço

Uma casa vazia tem mais entradas do que é habitual — todas as entradas fechadas passam a ser entradas abertas.

E tudo vai sendo tomado pelos musgos verdes, mais secos, mais húmidos.

E a madeira vai sendo tomada pelos castanhos, cada vez mais podres.

E o branco das paredes também vai sendo tomado, porque não há nada assim tão branco e há tanta cor.

E o espaço sempre aberto vai sendo tomado por outros inquilinos que não permanecem mas fazem questão de lembrar: — Eu estive aqui.

2.

Uma casa feita de tempo

Aponta-se em frente mas está-se na verdade, a olhar para trás. Capturar o presente para voltar ao passado, talvez. Uma imagem que engole o tempo e o espaço todo.

Uma prática que, de tanto se virar para trás - num ato de inegável contorcionismo - reconhece um caminho largo para a frente e para sempre — uma espécie de estado de permanência.

Regista-se da forma mais transparente, transfere-se da forma menos exata, o olhar, de um vidro para outro. Tão exato como a memória, um pó que se agita com a ventania, e se deposita sobre o vidro.

Processos redundantes em constante colisão. São apenas pó, aquelas sombras que nos dizem: — Isto já foi mas já não é. São lápides e perdas constantes, consecutivas, bem pautadas e inevitáveis. E conservam assim aquilo que todos fingimos esquecer.

3.

Uma casa que oscila

Alguém me contou uma vez de que existe uma arte antiga para se ser árvore. Não se é precisamente uma árvore, mas o exercício consiste em existir como uma árvore, o máximo de tempo possível, de pé, imóvel.

Mas a imobilidade é (impossível?) apenas aparente. As árvores não são imóveis, reagem a diversos estímulos e balançam levemente de um lado para o outro, como quem alivia os próprios músculos e o esqueleto. O segredo está precisamente nas pequenas, quase imperceptíveis transferências de peso — como uma árvore que oscila com o vento, com o seu próprio peso e altura, também o corpo reage à imobilidade. Reação quase muda que declara: — Ainda não estou morto!

4.

Uma casa feita de mentira

Insistir na verdade até que a mentira nos sirva.

A imobilidade é andar sempre no mesmo sítio, em círculos, cercados, fixos. Encontrar outros lugares pode acontecer no salto, no risco, na transgressão. O pensamento existe muito para lá do visível, do palpável, dos factos. E por isso, sempre que necessário, pode aceitar-se o falso como verdadeiro, aliviando assim o transtorno das rígidas convicções.

Olhar para ver o que não está ali para ser visto; ou então, olhar para não ver o que está ali para não ser visto. Para se sair de um labirinto às escuras, é preciso usar outros sentidos.

Um bom contador de histórias é aquele que sabe quando deve mergulhar na ficção. Ser fiel a uma história verdadeira mal contada não supera o espanto de uma história falsa bem contada.

+

Enquanto escrevia este texto podia jurar que um dia já havia visitado estes lugares. Conseguia ver-me lá dentro a atravessar pequenas pontes, a saltar altos degraus, a arrastar cacos cerâmicos com os pés, a correr entre as quatro paredes do espaço que me conseguia lembrar. A memória é um lugar poderoso, que nos retira ou devolve quase por magia. Invenção fabulosa. (Quanta mentira, quanto fingimento, quanta ficção?) E aqui estou eu, com o Carlos, que agita e transforma o pó numa ampla nuvem de possibilidades e suposições, e materializa o vazio mesmo à minha frente.

5.

Uma casa feita de atenção

Olhar para a frente, olhar para baixo. O registo, a revelação. A atenção, a decisão. A máquina, o livro. Ele, eu.

Forças destrutivas silenciadas na transferência da atenção.

Cada olhar em frente que se revela numa página. Cada objeto, translúcido e dependente. Exigem a ativação, o encontro, a conversa. Cada virar de página onde todos nos encontramos, refletidos. Mas quem é que encontramos dentro do livro afinal? Sou eu, o leitor, o autor?

Uma vez, já há muito tempo, alguém lembrou: — olha para ali, tantos homens, todos zangados. Cheios de certezas, cheios de dúvidas, cheios, cheios, sempre cheios.

E hoje alguém lembra: — Não, obrigada.
Olhamos muito mais longe do que a vista alcança.
Cada virar de página, que alegria.

Lúsa Abreu
10 Abril 2021

Cofinanciado por:

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional